ANAIS
Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras
www.sielli.ueg.br
POSLLI
Câmpus Cora Coralina Universidade Estadual de Goiás
09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

A IDENTIDADE BRASILEIRA PRESENTE EM *TEMPOS FANTÁSTICOS*

THE BRAZILIAN IDENTITY IN *TEMPOS FANTÁSTICOS*

Ingrid Vanessa Souza Santos[1]
Ana Beatriz Aquino da Silva[2]
Márcia Tavares Silva[3]

Resumo:
No Brasil, o fantástico ainda é considerado um gênero marginal. Por seu caráter lúdico, é comumente mais trabalhado nos anos iniciais da Educação Básica. Contudo, a ficção fantástica (sobretudo aquela escrita por autores nacionais) é usualmente preterida na formação do leitor no Ensino Médio. Notamos que o fantástico nacional, em sua aplicação no contexto de ensino, permanece invisibilizado. Logo, percebemos a necessidade de abordar textos literários que auxiliem na formação de jovens leitores e que também representem a cultura brasileira. Temos como objeto de análise o jornal satírico de ficção fantástica *Tempos Fantásticos*, criado por Angelo Dias. Elenca-se como objetivo geral: analisar o jornal fictício *Tempos Fantásticos*, e como objetivos específicos: explorar os elementos da cultura brasileira na obra e examinar seu potencial didático para turmas do Ensino Médio. Esta pesquisa é fundamentada nos conceitos de fantástico de Todorov (2008), de leitura Petit (2009) e de Martins (1982) e de planejamento de Menegolla e Sant'Anna (2014). Constatamos que *Tempos Fantástico*s, trabalhado no contexto de ensino, instiga a leitura do público jovem através da temática fantástica e do teor cômico. Além disso, tanto a escrita quanto os elementos típicos da cultura brasileira na obra mencionada, causam ao leitor a noção de representatividade. Concluímos que o fantástico brasileiro apresenta uma grande relevância na educação literária.

Palavras-chave: Fantástico; Leitura; Ensino Médio.

Abstract:
In Brazil, the fantastic is still considered a marginal genre. Due to its ludic aspect, it's commonly more worked in the early years of Basic Education. However, fantastic fiction (especially that written by national authors) is usually overlooked in the formation of the reader in high school. It was noted that the brazilian fantastic, in its appliance in the teaching context, remains invisible. Therefore, we realize the need to approach literary texts that help in the formation of young readers and that also represent brazilian culture. The object of our analysis is the satirical newspaper of fantastic fiction, created by Angelo Dias. The general objective is to analyze the fictitious newspaper *Tempos Fantásticos*, and as specific objectives: to explore the elements of brazilian culture in the work and examine its didactic potential for high school classes. This research is based on Todorov's (2008) concepts of fantastic, Petit's (2009) and Martins' (1982) of reading and Menegolla and Sant'Anna's (2014) of planning. It was found that *Tempos Fantásticos*, when applied in the context of teaching, instigates the young audience to read, through the fantastic theme and comic content. In addition, both the writing and the typical elements of brazilian culture in the work mentioned, cause the reader the notion of representativeness. It's concluded that the brazilian fantastic presents a great relevance in literary education.

Key words: Fantastic; Reading; Highschool.

Introdução

1 Graduanda em Letras - Língua Portuguesa e Língua Francesa pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: ingrid_vanessa12@hotmail.com.
2 Graduanda em Letras - Língua Portuguesa e Língua Francesa pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: anabeatrizaquino@outlook.com.br.
[3] Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professora pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: tavares.ufcg@gmail.com.

O fantástico sempre esteve presente na formação da cultura brasileira. Ao que se refere a sua interação com a literatura nacional, é notável que há uma forte influência de elementos da mitologia e do folclore nacional. Através de obras como *Reinações de Narizinho* (2005) e *A Turma do Pererê* (1959-1976), escritos respectivamente pelos autores Monteiro Lobato e Ziraldo, o fantástico e os mitos nacionais se cruzam com a literatura infantojuvenil. Em tais padrões de obras vê-se que são apresentados ao leitor componentes da cultura brasileira; seja eventos históricos ou arquétipos de integrantes de determinadas comunidades. Num contexto escolar, são introduzidos diversos livros de literatura fantástica para o público das classes iniciais do Ensino Básico. No entanto, quando se trata do Ensino Médio, observa-se uma escassez de livros de ficção fantástica. Isto é, devido ao potencial lúdico do gênero em questão é, usualmente, estimulado apenas para turmas de Ensino Fundamental.

É fato que narrativas fantásticas como *Macunaíma* (1986), de Mário de Andrade, ou *Incidente em Antares* (2006), de Érico Veríssimo, ainda aparecem nas leituras obrigatórias de vestibulares e nas grades curriculares de turmas do Ensino Médio. Contudo, é evidente que tais narrativas ainda são minoritárias dentre os livros selecionados para jovens leitores. Ademais, é perceptível que há uma insuficiência do fantástico brasileiro em sala de aula e com narrativas que dialoguem com outros leitores à exceção do público infantil. À vista disso, vê-se a importância de se trabalhar com obras como o jornal *Tempos Fantásticos.*

Tempos Fantásticos, jornal satírico lançado em 2016 e criado pelo bacharel em jornalismo e designer Angelo Dias, é fundamentado na ficção fantástica para criticar costumes nacionais, além de recontar fatos históricos através de um viés imaginário. O periódico possui 28 edições lançadas (contendo duas páginas nas edições do primeiro e segundo ano, e oito páginas nas do terceiro), que foram publicadas mensalmente por meio digital em formato pdf e vendidas no formato físico também no site[4] do jornal.

Tempos Fantásticos simula a organização de um jornal, tanto em sua estrutura quanto em sua linguagem. Através de um teor de comicidade, a união entre a linguagem jornalística canônica, análise dos costumes nacionais e elementos do fantástico, o periódico oferece uma leitura lúdica. Deste modo, repara-se a capacidade educativa do material mencionado para jovens leitores.

Assim, observa-se que o impulsionamento das competências leitoras nas séries iniciais são mais recorrentes que no Ensino Médio. Deste modo, ainda há uma carência evidente de obras do fantástico que dialoguem com a vivência e conjunturas típicas da juventude brasileira. Para mais, é notável que não somente para formação leitora como também no cânone literário e nas pesquisas acadêmicas, a ficção fantástica brasileira permanece preterida.

Ponderando que o gênero em questão continua a ser invisibilizado num contexto de ensino, sobretudo em turmas do Ensino Médio, constatou-se a necessidade de explorar o jornal satírico digital *Tempos Fantásticos,* de Angelo Dias. Compreende-se que o jornal supracitado não apenas pode propiciar uma formação leitora para jovens, como também aborda em seus textos aspectos representativos da cultura do Brasil.

[4] https://www.temposfantasticos.com

Esta pesquisa tem como objetivo geral o de analisar o jornal *Tempos Fantásticos*, e como objetivos específicos temos o de explorar os elementos da cultura brasileira na obra, além de examinar o potencial didático desta para turmas do Ensino Médio.

O fantástico: realidade e ambiguidade

No livro *Introdução à literatura fantástica* (2008), o fantástico é definido como "a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural" (TODOROV, 2008, p. 25). Desta maneira, é possível perceber que o gênero tem em seu cerne a característica de estimular a imaginação e refletir sobre conjunturas sociais. Isto é, quando se pensa num contexto de leitura voltado para crianças, a inserção do elemento fantástico frequentemente acaba sendo utilizado apenas como alegoria ou como a extensão de fabulação. Tal uso, criticado pelo próprio Tzvetan Todorov, tem a possibilidade de se desenvolver de modo razoável quando aplicado a turmas de Ensino Médio.

A priori, cabe a ponderação de que as Tecnologias de Informação e Comunicação (também referidas como TICs) são parte dominante da rotina da maioria dos indivíduos, sobretudo aqueles que passam pela adolescência. Deste modo, é perceptível que muitos adolescentes são introduzidos a questões sobre sociedade, cultura e política nas redes sociais. Contudo, vale salientar que com a popularização de redes sociais, também houve um considerável aumento de notícias desatualizadas na internet. Apesar de terem crescido com mais acesso a informações do que as demais gerações, os jovens passaram igualmente pela disseminação e normalização em massa de *fake news.*

Nota-se que nesta era digital, devido a rápida mudança de um fato passar de verídico para falso nas redes sociais, conceitos como "realidade" e "fantasia" tornam-se cada vez mais relativos e dúbios para os nascidos no período de ascensão tecnológica. Como apontado pelo pesquisador Rodrigo Seixas (2019, p.3), a humanidade passa pela "era da pós-verdade". Assim sendo, a relação do público mais jovem com a ficção fantástica tem a possibilidade de ser mais crítica, levando em consideração que o gênero já mencionado também faz com que adolescentes reflitam as circunstâncias de sua própria realidade e busquem comparar e discernir as do mundo (seja utópico ou distópico) apresentado na literatura fantástica. Posto que,

> Ao analisar tais referências conceituais, observa-se o quanto a literatura fantástica pode ser compreendida de forma mais ampla, adentrando caminhos mais profundos e, assim, trazer o leitor para ser cúmplice das suas manifestações artísticas (GUERRA, 2015, p. 64)

É possível afirmar que o jornal *Tempos Fantásticos* utiliza de tal estratégia devido à construção do humor e das referências ao cenário cultural e político da década de 2010. É através do que Martins (1982, p. 48) chama de "leitura emocional" que os leitores, sobretudo os mais jovens, criam vínculos com os textos literários: por meio do subjetivismo atrelado ao principalmente ao processo de identificação que o leitor faz com o material. No jornal mencionado, o leitor do Ensino Médio encontra figuras históricas, menções a acontecimentos marcantes da década de 2010 e referências à cultura *pop.* Porém, um de seus diferenciais é o reforço a signos nacionais, como pode ser visto na Figura 1:

Figura 1 - Ilustração de Lampião, por William Mur.

Criação da máquina Maracatu Atômico é atribuída à Lampião

Angelo Dias
Do Presente Alternativo

No aniversário de 70 anos do Maracatu Atômico, dispositivo que fornece energia para todas as cidades do nordeste brasileiro, pesquisadores do Centro Científico Science (CCS) descobriram outro motivo para comemorar.

Após quase vinte anos de pesquisa, os historiadores do CCS conseguiram ligar a criação do gerador de energia perpétua a Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, pesquisador, revolucionário e cangaceiro.

Lampião teria utilizado os talentos múltiplos de seu bando para criar a máquina, encontrada no fim dos anos 1950 em sua cidade natal, Serra Talhada, Pernambuco.

"Era sabido que o bando de Lampião foi a principal força por trás da construção das linhas elétricas dos Estados do Nordeste", disse Jorge Pereira, historiador do CCS. "Um desabamento próximo ao gerador trouxe à tona provas das ações dele".

O que os historiadores não tinham conhecimento era da participação de Virgulino como construtor da máquina. Entre as provas encontradas, estavam roupas e ferramentas com as iniciais do cangaceiro.

"A história pintou Lampião como um guerrilheiro, violento e criminoso. A comunidade científica, porém, conhece a colaboração dele e de seu grupo de pesquisa para o desenvolvimento nordestino", afirma Pereira.

Origem

A máquina já funcionava quando foi 'descoberta' pelo governo, em 1947. O levante popular contra a tomada da máquina, a 'Guerra das Faíscas', afastou a polícia e o exército da região, deixando o bando do já falecido Lampião trabalhar tranquilamente — grupo, este, composto por diversos estratos, desde sertanejos até universitários.

O time trabalhou clandestinamente por anos até que, em 1938, foram emboscados por forças governamentais e assassinados. Os policiais mataram e degolaram quase todo o bando de Lampião, incluindo a mulher dele, a química Maria Bonita.

As cabeças foram expostas pelos policiais em locais da região, mas a feição de Lampião era irreconhecível. "Um dos policiais afirmou que deu uma coronhada em Lampião, por isso a deformação. Os poucos sobreviventes, porém, dizem que Virgulino já havia ascendido ao céu, sugado por uma carruagem voadora", disse o historiador.

A redação do *Tempos Fantásticos* já enviou um correspondente à Universidade de Marte para investigar a participação de Lampião na instituição.

ilustração *William Mur* (murcontato@gmail.com)

Fonte: *Tempos Fantásticos*, 19ª edição, 2017.

O jornal apresenta seções para dividir os textos em diferentes propostas. Mesclando entre a ficção científica com a fantástica, são separados por seções que abordam mundos fictícios em diferentes linhas temporais, como por exemplo: "Do presente futuro", "Do futuro", "Do passado", "De um presente paralelo". A notícia da Figura 1, apresenta ao leitor uma realidade paralela que se passa no presente e possui mais recursos tecnológicos. Primeiramente, a principal referência se faz é a figura histórica de Virgulino Ferreira da Silva, cangaceiro brasileiro mais conhecido como Lampião. Por meio da notícia fictícia, *Tempos Fantásticos* não apenas representa tal figura histórica, como também dá uma roupagem fantástica a personagem de Lampião, que deixa de ser apenas um cangaceiro para se tornar pesquisador e ao que indica a narrativa, um ser de outro planeta.

Ao abordar a vida de Lampião, o texto também retrata a relação truculenta entre o cangaço com a polícia volante, situação que também se passou em vários estados do Nordeste

brasileiro. Na realidade paralela do periódico, a morte de Lampião não se dá devido ao embate com a polícia devido ao banditismo de sua vida como cangaceiro, mas sim da luta pela implantação de um gerador de energia no Nordeste. Também percebe-se a crítica a corrupção do governo e o descaso com a região mencionada.

A priori, o professor de literatura pode, com o material supracitado, realizar uma leitura tutorial com os educandos a respeito do conteúdo abordado. Assim, fomentando discussões como a diferença entre o "presente alternativo" de *Tempos Fantásticos* e os eventos verídicos da história brasileira. Este texto que se passa fora do eixo anglófono, tocando em contextos de uma narrativa no Brasil (e, principalmente, no Nordeste) auxilia no processo de identificação do aluno com o conteúdo, seja por se reconhecer como habitante do local em que se passa a história fictícia ou por correlacionar as personagens do texto com ícones já conhecidos em sua vivência cultural.

Percebe-se que grande parte do enfoque de *Tempos Fantásticos* está justamente em resgatar esses ícones e costumes brasileiros esquecidos pelas leituras realizadas tanto dentro quanto fora da sala de aula. O fantástico que está popularizado na cultura *mainstream* não é o do Brasil. Além disso, não apenas na ficção fantástica, quanto em outros gêneros é possível notar um desmerecimento de tais aspectos socioculturais nacionais. A mitologia e o folclore brasileiro são consideravelmente menos explorados na literatura do que os mitos estrangeiros. Um dos fatores que distingue *Tempos Fantásticos* das demais obras de ficção fantástica está justamente em sua narrativa tão aberta aos ícones nacionais:

Figura 2 - Ilustração de saci, por Ezequiel Moura.

Fonte: *Tempos Fantásticos*, 14ª edição, 2017.

Na Figura 2 vê-se a divulgação do livro *Raízes de Vento e Sangue - 7 visitas ao Folclore Nacional* (2017), de Lauro Kociuba. Apesar de ser um jornal com notícias fictícias, *Tempos Fantásticos* também promove a divulgação de serviços e produtos reais. No entanto, todas as divulgações seguem a premissa da narrativa fantástica e satírica, dando destaque a produtos nacionais. Na imagem acima vê-se que o jornal promove o produto mesclando o humor com fantástico, ao colocar a personagem do folclore brasileiro num cartaz, simulando um criminoso procurado.

Apesar de um dos diferenciais de *Tempos Fantásticos* estar na retomada dos mitos nacionais, há também inúmeras referências a elementos da cultura popular brasileira. Desde telenovelas, celebridades da internet, gírias regionais a ambientes que são conhecidos e frequentados por jovens, o jornal introduz em suas edições componentes que são familiares ao leitor. Mesmo a narrativa se passando em mundos paralelos, o jovem reconhece partes integrantes de sua própria identidade no texto.

Vale a pena levar em consideração o papel do fantástico na crítica social empregada no texto da Figura 1. Quando *Tempos Fantásticos* introduz a noção de realidades paralelas com similaridades ao "nosso mundo", este abre espaço para orientar o leitor a questionar e refletir sobre os costumes e fatos que estão na memória coletiva nacional. Não somente isto, como também favorece ao leitor uma relação de ambiguidade típica do gênero causada pela constante metalinguagem e pela comparação com o "real estabelecido". Isto torna-se evidente até mesmo na seção introdutória do site do jornal, que é denominada "Sobre"[5]: "Um legítimo jornal, igual

[5] https://www.temposfantasticos.com/#/sobre

a tantos por aí, em que tudo é ficção e **qualquer semelhança com a realidade pode ou não ser coincidência**" (DIAS, 2016, grifo nosso). Constata-se que *Tempos Fantásticos* segue preceitos do fantástico abordados pela organizadora da antologia *O fantástico brasileiro* (2011), Maria Cristina Batalha, como foi definido na pesquisa de Niels & Melo (2014):

> Para a organizadora [...] Maria Cristina Batalha (2011) o fantástico deve ser entendido como um gênero em que o real e o irreal se combinam e assim provocam incertezas acerca das leis de casualidades do mundo empírico do leitor (NIELS & MELO, 2014, p. 191).

De todo modo, é importante reiterar que o real e irreal do gênero em questão se torna evidente quando aplicado num contexto digital. Logo, ao nos atentarmos ao caráter digital do jornal satírico, compreende-se que Tempos *Fantástico* sabe que seus leitores pertencem a uma faixa etária jovem e que a concepção de pós-verdade (devido a ligação com redes sociais e outras mídias) já lhe são habituais.

O fantástico na era digital

Segundo Carmo (2015, p. 13), quando se trata da ficção fantástica, "o Brasil não prosperou tanto quanto na América Hispânica". De fato, é perceptível que tal gênero ainda se qualifica como marginal. Contudo, as obras brasileiras procuram cada vez mais sair de tal *status* trabalhando narrativas que abordam práticas e anseios contemporâneos da humanidade. No caso de *Tempos Fantásticos*, o periódico mescla o fantástico com redes sociais. Na Figura 3 vê-se a união de tais elementos:

Figura 3 - Fragmento da primeira página da 21ª edição.

Tábua Emouija é atual sensação entre millennials

João Pedro Lima
De Um Presente Alternativo

ilustração *Rafa Nunes* (be.net/rafanunes)

Carinha feliz, piscadela, beringela, piscadela. Para os pais e parentes, parece uma comunicação normal de whatsapp; porém, algumas evidências recentes sugerem que esses símbolos — tradicionalmente vistos como inofensivos — hoje fazem parte de um artifício muito mais sinistro. Da união da feitiçaria macabra tradicional e dos costumes modernos dos millennials, surge uma nova forma de contato com o sobrenatural: a tábua Emouija.

Apesar da tendência ser uma novidade, já há especialistas no uso do misticômico artefato, uma tábua Ouija que, ao invés de letras, apresenta os famigerados emojis. Através de muita pesquisa em canais atualmente considerados antiquados, tivemos acesso a um dos introdutores dos rituais ligados à tecnologia no país.

Zezinho D@ N3t, que se descreve como memeomante e emojiceiro, contou que o techno-paganismo, assim como as raízes da Emouija, é antigo no Brasil. "Se fala de misticismo e emoticons, como os emojis eram chamados quando eu era jovem, desde a época do mIRC. No meu tempo, a gente fazia um esforço do caramba pra tentar baixar um espírito ou entidade demoníaca com internet discada e, quando conseguíamos, o risco de perder a conexão era enorme", disse D@ N3t. "Ainda lembro da gente imprimindo mensagens satânicas na impressora matricial. Não dava nem pra saber se a mensagem estava em línguas antigas ou se eram só borrões no papel."

Independentemente de sua origem, a Emouija se tornou não só uma coqueluche entre os adolescentes e jovens dos anos 10, mas também uma preocupação enorme para as camadas mais tradicionalistas da população. Genoveva Tobias, 46, disse que seu filho começou a demonstrar comportamentos estranhos após ter contato com o aparato místico. "Os professores dele disseram que ele passou a escrever todas as respostas das provas com esses símbolos. Os colegas também acharam estranho quando meu filho, ao invés de rir de piadas, dizia xisdê xisdê êle ô êle sem alterar sua expressão facial."

Outras manifestações de repúdio ao 'jogo' têm tomado corpo de formas mais ostensivas e notáveis. Foi criada a PARE (Pais que Advertem os Riscos da Emouija). Bruno Malafeita, líder e porta-voz da organização, diz que ela está numa cruzada contra a corrupção dos emojis. "Não há mais como diferenciar um bom dia simpático no grupo da família de uma prece às forças ocultas. Se seus filhos podem estar glorificando Satã com carinhas amarelas sorridentes, o melhor a fazer é bani-las da vida dos cidadãos de bem. Os millennials estão matando a comunicação digital ao transformarem-na numa forma de sacrilégio."

Apesar dos protestos e temor dessa parcela da população, não há registros de vítimas fatais ou mesmo de ferimentos associados ao tabuleiro virtual. Satã e a Liga dos Espíritos Malignos, ao serem contatados, negaram quaisquer associações ao fenômeno dessa versão da 'brincadeira do copo' executada com mouse e teclado.

A redação do *Tempos Fantásticos* contatou a Associação dos Criadores de Tabuleiros de Emouija (ACTE), mas obteve apenas a seguinte resposta aos e-mails: "XDXDXD :PPPP LOL."

Fonte: Tempos Fantásticos, 21ª edição, 2018.

Tempos Fantásticos reconhece a relação do Brasil com redes sociais. Sobretudo nos anos 2010, a relação so brasileiro com as TICs é tão íntima que torna-se difícil dissociar a vida "real" e a das redes. O periódico mostra-se consciente dessa relação ao citar elementos da era digital sendo uma extensão do fantástico. Seja os próprios *emojis*, o aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp* ou até mesmo a menção a memes, percebe-se um viés analítico sobre a era digital na vida dos brasileiros. E aqui está o diferencial de *Tempos Fantásticos*, em diversas obras a narração fantástica apenas

> reúne, materializa e traduz todo um mundo de desejos: compartilhar da vida animal, libertar-se da gravidade, tornar-se invisível, mudar seu tamanho e – resumindo tudo isso – transformar à sua vontade o universo: o conto fantástico como realização dos grandes sonhos humanos, sonhos frequentemente retomados pela ciência (HELD, 1980, p. 25).

No entanto, *Tempos Fantásticos* vai além de tais premissas de idealizações utópicas que Held (1980) explana em sua pesquisa. O fantástico no jornal supracitado, apesar de fazer parte de uma realidade ambígua e sobrenatural, não se delimita somente em deslumbrar ou aterrorizar

seu leitor. Verifica-se um olhar crítico a comportamentos da atualidade; ao inserir o elemento fantástico numa junção de tabuleiro *ouija* com uma tabela de *emojis*, o jornal faz seu posicionamento sobre como se utilizar o gênero: mostrando o mundano até mesmo no que há de "fantástico".

Outro fator que deve ser levado em consideração é a que público se dirige o texto em questão. O próprio título da reportagem aponta que o objeto fantástico é popular entre *millennials*. Do mesmo modo, a narrativa faz menção a usuários brasileiros jovens das redes sociais da década de 2010. O texto se preocupa em descrever um cenário similar ao das salas de bate-papo virtual e dos *role-playing games* (RPG) que propicia anonimato aos usuários por meio de nomes falsos e avatares. As situações retratadas no texto, como fixação em jogos, a cultura da internet e as relações entre os usuários do *Emouija* com a escola e os pais é tipicamente comum à comunidade adolescente.

Assim, é indubitável que o *Tempos Fantásticos* compreende a ligação de seus leitores com a internet. A comicidade do material, ao fazer uma espécie de estudo daqueles que cresceram na era digital, expõe o parecer do periódico apontado. Além disso, é nessa comicidade ao retratar uma trama fantástica que menciona um elemento tecnológico, que faz com que a obra seja adequada ao público jovem. Enquanto muitos livros do gênero tentam gerar deslumbramento ou estranhamento no leitor (HELD, 1980, p. 25), o jornal aborda o fantástico nas reportagens numa tentativa de simular a normalidade do "mundo real".

Na Figura 3 é retratada a trivialidade do mundo da internet, bastante conhecida pelos jovens. Com isso, podemos ver seu potencial em aulas para o Ensino Médio, já que tanto a temática quanto a linguagem são acessíveis ao educando. Em relação a temática, se dá pelo processo de identificação que os jovens podem ter com as personagens e o conteúdo da reportagem fictícia. A linguagem, que simula expressões e organizações do mundo jornalístico, também é conhecida do público juvenil.

Por ser um gênero não usual para classes fora dos anos iniciais, a ficção fantástica pode ser, porventura num primeiro momento, inusitada para alunos que estão acostumados com textos que são mais próximos do mundo "real". Também há a possibilidade da própria apreensão do ato de ler, que pode ser ampliada com um gênero pouco conhecido. Antes de tudo, é preciso que o professor atue como mediador das obras do fantástico:

> A partir daí, compreendemos que o iniciador ao livro desempenha um papel-chave: quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo (PETIT, 2009, p. 178).

Como abordam os pesquisadores Menegolla & Sant'Anna (2014, p. 17), "o ato de planejar sempre parte das necessidades e urgências que surgem a partir de uma sondagem sobre a realidade". Isto é, é observando as necessidades dos alunos de obras que dialoguem com as próprias vivências, que se dá o primeiro passo do planejamento. O papel de mediador do professor entre *Tempos Fantásticos* e a classe também abre espaço para que os alunos possam entrar em contato não apenas com a ficção fantástica, mas também com outras mídias para um novo processo de leitura. Na Base Nacional Comum Curricular (2018), na etapa voltada para turmas do Ensino Médio, é explanado:

> Do ponto de vista das **práticas contemporâneas de linguagem**, ganham mais destaque, no Ensino Médio, a cultura digital, as culturas juvenis, os novos letramentos e os multiletramentos, os processos colaborativos, as interações e atividades que têm lugar nas mídias e redes sociais, os processos de circulação de informações e a hibridização dos papéis nesse contexto (de leitor/autor e produtor/consumidor), já explorada no Ensino Fundamental. Fenômenos como a pós-verdade e o efeito bolha, em função do impacto que produzem na fidedignidade do conteúdo disponibilizado nas redes, nas interações sociais e no trato com a diversidade, também são ressaltados (BRASIL, 2018, p. 498, grifo do autor).

Logo, torna-se claro que por pertencer a uma mídia digital e por tratar da cultura de uma sociedade influenciada pelas TICs (além de outro fenômenos adjacentes como pós-verdade e *fake news*), *Tempos Fantásticos* representa a amálgama da ficção fantástica com a geração que domina a linguagem das redes sociais.

Considerações finais

O fantástico brasileiro ainda passa por uma evidente invisibilização no cânone literário e nas salas de aula. No entanto, tal apagamento não indica qualquer tipo de inferioridade em comparação aos demais gêneros. Apesar de não ter prosperado tanto quanto o da América Hispânica, o fantástico no Brasil também apresenta qualidades singulares. Uma das obras mais promissoras da ascensão do gênero no Brasil é o jornal satírico de ficção fantástica, *Tempos Fantásticos*, de Angelo Dias. Em suas 28 edições o periódico analisa situações e signos do cotidiano nacional, os inserindo numa narrativa que esmiúça com as noções de real e imaginário.

Neste artigo pôde-se explorar os elementos representativos da cultura brasileira nas edições de *Tempos Fantásticos*. Notou-se que a constância de ícones folclóricos, além de alusões históricas e referências às regiões do Brasil. Longe de estereótipos ou interpretações rasas, o jornal faz um resgate de tais itens da cultura brasileira, que ainda é bastante preterida pelo cânone literário em comparação a literatura fantástica anglófona. Além disso, grande parte das narrativas tem como plano de fundo a década de 2010 (época em que o periódico publicava suas edições), abordando a cultura digital que ascendeu na época mencionada.

Devido ao enfoque na cultura digital, *Tempos Fantásticos* toca em temáticas e anseios típicos da adolescência. Com uma linguagem humorística e com o fantástico que referencia e analisa componentes recorrentes na vivência de jovens, o jornal em questão mostra-se ideal para uma aplicação em aulas de literatura com turmas do Ensino Médio. É possível constatar que, ao aplicá-lo num contexto de ensino, *Tempos Fantástico* pode auxiliar no processo de leitura dos educandos que não se sentem identificados por grande parte das obras do cânone brasileiro.

Referências

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. 22. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular. Brasília**, 2018.

CARMO, Aguinaldo Adolfo do. **Considerações sobre o fantástico na literatura**. Revista Memento, v. 6, n. 1, 2015.

DIAS, Angelo. **Tempos fantásticos**. v. 14, 2017.

_____. **Tempos fantásticos**. v. 19, 2017.

_____. **Tempos fantásticos**. v. 21, 2018.

GUERRA, Ferreira. **A narrativa fantástica na aprendizagem escolar.** Olhares & Trilhas, v. 16, n. 1, 2014.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder**: as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Summus, 1980.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 16ª reimpressao da 48ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2005. Sítio do Picapau Amarelo.

KOCIUBA, Lauro. **Raízes de vento e sangue - 7 visitas ao folclore nacional**. Amazon, 2017.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo, 1982.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?: Currículo, área, aula.** Editora Vozes Limitada, 2011.

NIELS, C; MELO, F. G. Q. **Fantástico à brasileira: o gênero fantástico no Brasil**. Anais do V SAPPIL–Estudos de Literatura, v. 1, n. 1, 2015.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

SEIXAS, R. **A retórica da pós-verdade: o problema das convicções.** Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, v. 18, n. 1, 29 abr. 2019.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RODRIGUES, Selma Calazans. **O fantástico**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1988.

VERÍSSIMO, Érico. **Incidente em Antares.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.